

PROCESSOS DE INVESTIGAÇÃO: TRILHAS E IDEIAS SOBRE SER ORIENTANDO/A E SER ORIENTADOR/A

PROCESOS DE INVESTIGACIÓN: TRILLAS Y IDEAS
SOBRE SER ORIENTANDO/A E SER ORIENTADOR/A

INVESTIGATION PROCESSES: TRACKS AND IDEAS
ABOUT BEING ORIENTED AND TO BE GUIDANCE

Adriana Rocha BRUNO¹

Resumo:

Produzir pesquisa no campo das Ciências Humanas envolve intenso estudo sobre o que é Ciência, tipologias de pesquisa, método e metodologia e tantos outros aspectos que estão implicados no tornar-se pesquisador e realizar investigações científicas. Para tudo isso, temos grandes estudiosos e pesquisadores de excelência que se dedicam à escrita de obras referenciais para todos os níveis de pesquisadores. Porém, o presente texto propõe tratar de aspectos que nem sempre estão disponíveis de forma clara em livros e manuais de metodologia científica, estudar epistemologias, abordagens e concepções, ou seja, pontos que são fruto das vivências de ser orientando e ser orientador, pistas para o desenvolvimento de pesquisas e textos científicos. De forma clara e linguagem acessível, relato neste artigo as discussões realizadas na palestra de Abertura do II Seminário de Pesquisadores Brasileiros em Portugal, realizado na Universidade de Lisboa em maio de 2016.

Palavras-chave: Processos de investigação. Pesquisa científica. Orientador e Orientando.

¹ Pós-doutora em Educação pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IE-ULisboa); Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Gestão e Avaliação da Educação Pública - ambos da UFJF. E-mail: adriana.bruno@educacao.ufjf.br.

Resumen:

La producción de investigación en el campo de las Ciencias Humanas involucra intenso estudio sobre lo que es la Ciencia, tipologías de investigación, método y metodología y tantos otros aspectos que están implicados en convertirse en investigador y realizar investigaciones científicas. Para todo esto, tenemos grandes estudiosos e investigadores de excelencia que se dedican a la escritura de obras referenciales para todos los niveles de investigadores. Sin embargo, el presente texto propone tratar de aspectos que no siempre están disponibles de forma clara en libros y manuales de metodología científica, estudiar epistemologías, enfoques y concepciones, o sea, puntos que son fruto de las vivencias de ser orientando y ser orientador, pistas para el desarrollo de investigaciones y textos científicos. En forma de un lenguaje claro y accesible, este artículo da cuenta de los debates celebrados en la apertura de la conferencia II Seminario de investigadores brasileños en Portugal, que se celebró en la Universidad de Lisboa en de mayo de el 2016.

Palabras Clave: *Procesos de investigación. Investigación científica. Orientador y Orientando.*

Abstract:

Producing research in the field of Human Sciences involves intense study on what is Science, typologies of research, method and methodology and many other aspects that are involved in becoming a researcher and conducting scientific research. For all this, we have great scholars and excellent researchers who are dedicated to writing reference works for all levels of researchers. However, the present text proposes to deal with aspects that are not always clearly available in books and manuals of scientific methodology, to study epistemologies, approaches and conceptions, that is, points that are the result of being orienting and guiding, the development of research and scientific texts. In a clear and accessible language, I report in this article the discussions held at the Opening Lecture of the II Seminar of Brazilian Researchers in Portugal, held at the University of Lisbon in May 2016.

Keywords: *Research processes. Scientific research. Guidance and Guiding.*

INTRODUÇÃO

A abordagem qualitativa parte do fundamento que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre sujeito e objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade. (CHIZZOTTI, 1998, p. 79).

Início tratando de um dos aspectos que, no meu entender, é singular na pesquisa de abordagem qualitativa: a subjetividade como componente imprescindível em articulação à razão. Hoje temos elementos suficientes que apontam os “motivos” que levaram a Ciência, em acordo com a Igreja e as Universidades, durante os séculos XVIII, XIX e meados do século XX, à supressão dos aspectos subjetivos no processo científico.

Como nunca antes ocorrera, o homem alienou-se da natureza, do trabalho, de si mesmo e dos outros. Dividido no conhecimento, dissociado em suas emoções e em seus afetos, com a mente técnica e o coração vazio, sem um trabalho digno e satisfatório, compartimentalizado no viver e profundamente infeliz. (MORAES, 1997, p. 43).

No processo histórico, sob a influência do pensamento produzido entre os séculos XVI a XIX, encontramos uma linha de construção das ideias que podem explicar o que levou especificamente a ciência a tais dissociações. Antes mesmo do século XVI, temos o pensamento teocentrista agostiniano, e depois o tomista, a doutrinar homens e mulheres, considerando “de maior significância as questões referentes a Deus, à alma humana e à ética. Para o homem medieval, a realidade era sagrada por ter sido estabelecida por Deus e cabia ao homem contemplar e compreender a harmonia existente no universo.” (MORAES, 1997, p. 33)

Com esse pensamento, os aspectos subjetivos que pudessem levar o indivíduo à sua essência eram, portanto, refutados, pois significavam para o dominador uma ameaça.

A manipulação é mais facilmente desenvolvida quando descartamos o sujeito (emoção, sentimentos, interações, relações humanas) e valorizamos o objeto (razão), especialmente quando a razão é determinada pelo interesse em dominar.

Torna-se relevante nessa época compreender o forte domínio da Igreja em toda e qualquer esfera social, sendo implacável e imperdoável todo tipo de manifestação contrária a tais pensamentos.

As mudanças ocorreram radicalmente a partir do século XVI e XVII:

A visão de um mundo orgânico, vivo, espiritual e encantado passou a ser substituída pela noção de um mundo-máquina, composto de objetos distintos, em virtude das mudanças revolucionárias na física e na astronomia ocorridas depois de Copérnico, Galileu e Newton.” (Idem)

Tal período, também chamado de “Era Planetária” por Morin (2000, p. 63), tem, segundo Moraes (1997), seu marco inicial com os movimentos antropocêntricos; as grandes navegações marítimas; a Revolução Científica: o racionalismo; o subjetivismo empirista; o iluminismo; o positivismo etc., trazendo as idéias transformadoras de Copérnico (1473-1543); Galileu (1564-1642); Bacon (1561-1626); Hume (1771-1776); Descartes (1596-1650); Newton (1642-1727); Kant (1724-1804); entre outros.

A Ciência, que sempre se orgulhou de sua objetividade, rigor e precisão, proporcionou ao mundo descobertas de importância inquestionável, propulsoras de mudanças paradigmáticas revolucionárias. Não cabe aqui a análise ou mesmo descrédito de tais avanços, mesmo porque são irrefutáveis.

Devemos, no entanto, perceber que o racionalismo científico excessivo promoveu a visão fragmentada e unilateral do todo, ao validar e valorizar apenas o método analítico, numa perspectiva reducionista, como aquele que apresentava

explicações e aplicações consideradas rigorosamente científicas, desvalorizando os acontecimentos e experiências individuais, ou seja, desconsiderando o sujeito.

Criticamos a exclusão do pensador de seu próprio pensar (...) uma ciência materialista, determinista, destruidora, cheia de certezas, que ignora o diálogo e as interações que existem entre os indivíduos, entre ciência e sociedade, técnica e política. (MORAES, 1997, p. 43)

A autora, no trecho acima citado, explicita com clareza e propriedade o que pretendemos refletir em nossos estudos. A exclusão/cisão do sujeito pesquisador de sua pesquisa, na busca do rigor científico, por exemplo, traz uma visão irreal e parcial dos fatos e de sua análise, uma vez que não há possibilidade de tal fragmentação. O sujeito pesquisador é um ser que se utiliza da razão, mas que não se concebe apenas como racional. É um sujeito racional, objetivo, mas também, ao mesmo tempo, emocional, subjetivo. Negar tal condição é negar o próprio ser, sua essência e existência no e com o mundo.

Rey (LANE et. al, 1999) também reflete e compartilha das ideias aqui expostas, elencando alguns aspectos que afetaram o olhar científico ao longo dos tempos, frente às emoções, como a ausência do tem da subjetividade, sob a forte tendência racionalista/positivista e a resistência em considerar a singularidade do material estudado.

(...) excluíram a emoção dos processos de construção do conhecimento, assim como dos problemas relevantes a serem investigados, pois não cumpriam os requisitos exigidos pela metodologia dominante. (ibid., p. 38)

Porém, ao longo do século XX, a relevância dos aspectos subjetivos no processo científico voltou ao cenário de reflexão. Cientistas do mundo inteiro resgatam em suas pesquisas estudos de cientistas e pensadores dos séculos passados, e retomam a discussão entre objetividade e

subjetividade, propondo a intersecção, o imbricamento, a inter-relação, a integração desses aspectos que, na realidade, nunca estiveram separados de fato, mas, sim, dissociados pela Ciência positivista/reducionista que, na busca da objetividade, descartava o sujeito.

Passamos, segundo Morin (2000), da Era Planetária para, no final do século XX, à fase da mundialização: "Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo e o mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Isto se verifica não apenas para as nações e povos, mas para os indivíduos" (MORIN, 2000, p. 67).

Compreendemos, portanto, a impossibilidade dessa dissociação. A esse respeito, Byington (FAZENDA, 1997, p. 48) nos diz:

(...) essa onda de integração, uma onda holística, uma onda de integrar o saber numa realidade humana, não mais separada do subjetivo, da fantasia, da emoção, das crenças e dos mitos. Nós estamos voltando a esse subjetivo por perceber que a dissociação dele foi muito maléfica.

Também Freire (2000) apresenta-nos sua visão a respeito: "não é possível falar de subjetividade a não ser se compreendida em sua dialética relação com a objetividade" (FREIRE, 2000, p. 57).

Tais ideias são importantes para abordarmos o próximo tema, o pesquisador e suas vinculações: ser orientador, ser orientando.

Os/As PESQUISADORES/AS: IMPLICAÇÕES ENTRE O SER E TORNAR-SE

Não se nasce pesquisador, mas nos formamos como tal ao longo de cada processo investigativo. A cada pesquisa realizada um novo recurso, uma nova possibilidade e outras aprendizagens emergem. Podemos precisar o momento em que nasce um pesquisador, mas nunca seu término, pois nos fazemos pesquisadores cotidianamente.

Segundo Chizzotti, o pesquisador “é um ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais... é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes significado” (CHIZZOTTI, 1998, p. 79-80). O processo de investigação na pesquisa qualitativa é decorrente do significado atribuído pelo pesquisador e pelos sujeitos de pesquisa a partir da intersubjetividade.

Acredito no imbricamento entre a subjetividade e a objetividade²⁴. Byington (1996) nos explica que não devemos primeiramente tentar objetivar o tempo todo nossa pesquisa, mas recorrer ao nosso processo de individuação, que é o caminho para a transcendência, nos perguntando qual a nossa relação emocional com a pesquisa que estamos desenvolvendo; deixando fluir a intuição, sendo afetivo, deixando-se ser o que se é: subjetivo. Para este autor (idem, p. 57), “não há subjetivo sem objetivo e vice-versa”.

Da mesma forma que para ensinar a alguém precisamos partir do contexto, conhecer os sujeitos envolvidos, sua história, seus anseios e suas intenções, para buscarmos pistas sobre a aprendizagem a partir das experiências de outrem devemos fazer um trajeto em direção similar. “A intencionalidade do pesquisador vai além da mera busca de informações; pretende criar uma confiabilidade para que o entrevistado se abra” (SZYMANSKI, 2002, p. 12).

Entender o pesquisador e sua ação metodológica como parte do real implica superar a dicotomia entre sujeito e objeto, pois, sendo ele participante do fenômeno pesquisado, passa a constituir também seu objeto (PRANDINI, 2005, p. 49).

A pesquisa deve partir de um tema que me mobiliza ao desejo de querer saber mais e por isso nós, orientadores, falamos que o pesquisador é um curioso. Tenho dito que a maioria das investigações, especialmente na área de humanas

e de educação, tem relação com a vida e/ou história de vida do pesquisador (ainda que de forma indireta ou velada).

É demasiado importante (e prudente) que o pesquisador compreenda que sua pesquisa não vai resolver os problemas do mundo e que aquela investigação parte de uma questão/problema que é do pesquisador e - foi por ele formulada-, ainda que tenha relevância social e científica, é de interesse singular, possui fundamentos teóricos e metodológicos selecionados/escolhidos por dois (ou mais) pesquisadores (orientando/a e orientador/a).

Destarte, o pesquisador é um estudioso (curioso, pesquisador) que dedica parte do seu tempo a buscar pistas e respostas a partir de muitas perguntas. É ainda um profissional que sempre duvida, sempre questiona, é insatisfeito e insaciável e ama conhecer, ama o conhecimento. Envolvido, implicado e parte da pesquisa, o investigador busca formas múltiplas para produzir dados e neste processo, muitas vezes, percebe suas limitações e incapacidades, já que muitas das emergências do campo, dos dados, podem associar-se à ignorância do pesquisador em relação aos dados e não, necessariamente, a algo inexistente.

Mas, como se forma um pesquisador? Quem o forma? Esse ponto tem muita relação com o processo de formação do pesquisador e suas experiências, sua trajetória e, claro, de que orientadores/as estiveram presentes nesse percurso.

Ser orientador é um processo que se faz com o orientando e, do mesmo modo que há uma relação direta e articulada entre professor e aluno, há imbricamento intenso entre orientador e orientando. Tais processos formativos se relacionam com as experiências de ser orienta(n)do, ser profissional, e isso pode se dar por exemplo e/ou por contra exemplo. O orientador se torna cada dia mais orientador em acordo com os orientandos que recebe. Trata-se de um relacionamento em que ambos, por interesse (temático, investigativo, de admiração) e consensualmente, decidem passar um tempo de suas vidas juntos. É muito importante que a relação seja prazerosa.

Mas é, sem dúvida, uma relação hierárquica, o que implica que se tenha foco no respeito pelas diferenças e experiências coconstruídas. Ser orientador ainda envolve empatia e alteridade, se colocar no lugar do outro, respeitar a pesquisa e o trajeto do orientando e procurar minimizar os dilemas do seu processo. Como mais experiente, o profissional que assume a orientação precisa ter compromisso com o campo/ área de pesquisa a que se propõe pesquisar e orientar, estando sempre atualizado e atento aos desdobramentos científicos e epistemológicos e estimulando o orientando que trilhe caminhos convergentes.

TEMAS E DILEMAS DA PESQUISA: PERCURSO DE APRENDIZAGEM

Pesquisa recente (Nogueira & Leite, 2014) apontou características do processo de orientação de pesquisa e teve a afetividade como grande disparador de convergências neste processo.

Ao longo de nossas vidas, quando aprendemos algo, é natural que isso seja incorporado ao nosso cotidiano e, por tornar-se habitual, não pensamos muito sobre isso. Cresci num ambiente em que cartas e bilhetes de amor permeavam o universo das relações familiares e, tanto eu quanto todos em minha casa, nos expressávamos fazendo uso também desse tipo de linguagem para manifestar nossas emoções e sentimentos. Esta forma de registrar não somente informações, mas também ideias e sentimentos, assumiu outros sentidos na medida em que fui incorporando as tecnologias digitais e em rede em minha vida. Isso porque tais dispositivos ampliam as formas e campos de relação com o outro e com o conhecimento, potencializando campos operacionais mais férteis para a desenvolvimento de investigações.

Conforme já sinalizado por Bruno (2002, 2010), a afetividade tanto está nos processos de afetivação (como afetamos e somos afetados pelo outro), quanto pelo poder

que temos de contagiar as emoções, e por conseguinte a razão, dos outros por meio do que a autora denominou Linguagem Emocional:

A linguagem emocional reflete, sistematicamente, as múltiplas formas com que os seres humanos estabelecem relações, utilizando-se das diversas linguagens, considerando o fator emocional como importante desencadeador das transformações decorrentes neste processo. (BRUNO, 2002, p. 203)

Todo esse movimento e preocupação com a linguagem emocional se justifica por sabermos que na produção do conhecimento, e, claro, desenvolvimento de pesquisas científicas, a convergência entre emoção e razão são diferenciais tanto para as relações interpessoais - aqui falamos também entre orientador e orientando, mas também entre sujeitos e pesquisadores e o campo em si-, quanto no desenvolvimento da investigação.

OS PROCESSOS BÁSICOS DA INVESTIGAÇÃO

O desenvolvimento de uma pesquisa implica também processos de organização de orientação. Dividimos em partes os processos básicos vivenciados ao longo desses dezoito anos de experiência na orientação de pesquisas e trabalhos científicos, de modo a oferecer aos leitores alguns percursos potentes desse processo.

Começemos por pontos que merecem ser listados:

1. Perfil priorizado pelo/a orientador/a: No desenvolvimento de pesquisas e orientações há especificidades em acordo com o tipo e nível de investigação a ser realizada: Trabalho de Conclusão de Curso em graduação- TCC, Iniciação científica-IC, Grupo de Pesquisa, Trabalho de Conclusão de Curso em Lato sensu etc, Dissertação, Tese, pesquisa financiada, docência etc);

2. Revisão/revisitação do projeto e indicação de bibliografia pertinente à pesquisa

3. Características do processo de orientação:

- orientação cuidadosa, crítica, implicada e motivada;
- que fomente a autonomia e independência do orientando/a;
- abertura e produção de espaços para comunicação constante entre orientador/a e orientando/a;
- promoção de encontros e comunicação coletiva e individual - Grupo de pesquisa é importante;
- regularidade nos encontros (mas sem pressionar demais)- respeitar os tempos de produção de cada um. Todos (orientador/a e orientando/a) precisam respeitar os espaços e tempos na produção de pesquisa. Isso implica em não acelerar o processo impondo encontros que pressionam e inibem a produção, mas também não deixando a orientação solta, sem rumo;
- resolução de problemas e discordâncias surgidas ao longo do trabalho: problemas são parte do processo (e dão vida à pesquisa) mas é preciso que discordâncias no processo de investigação, entre orientador e orientando ou de qualquer ordem, se apresentem como empecilhos para que a pesquisa se desenvolva. A base de confiança precisa prevalecer e é preciso que todos estejam "do mesmo lado", trabalhando pela pesquisa de modo equilibrado;
- troca de informações sobre a vida (inclusive a pessoal): é importante estimular a cumplicidade. Orientador e orientandos precisam criar vínculos de modo que produzam integração de ideias, de linguagens, de desejos em relação à pesquisa. Trata-se de um relacionamento em que a amorosidade freireana poderá ser um diferencial para o desenvolvimento de uma pesquisa de excelência, afinal, dificilmente se fará qualquer trabalho científico de boa qualidade em meio a uma guerra de egos e nervos.

ATALHOS PARA CAMINHOS MAIS POTENTES

Apresento a seguir algumas possibilidades para que os percursos da pesquisa sejam trilhados de modo mais suave e leve. São itens que poderão ajudar, especialmente o/a pesquisador/a iniciante.

1. Faça fichamento de texto – anote excertos como se fosse fazer citações e deixe-os num arquivo separado;
2. Procure palavras nos artigos que lê, que possam fazer parte dos textos que vai produzir, e anote-as;
3. Para produzir um texto, planeje-se: faça um esquema (sumário ou itens) de tudo o que vai escrever - planeje-se;
4. Produza textos para as disciplinas cursadas de modo que possa aproveitar para sua pesquisa, pois tudo poderá se transformar em artigo;
5. Crie horários de estudo e reserve algumas horas para o lazer durante a semana. Sem ócio não se produz criativa e criticamente;
6. Coloque sempre à vista sua questão/problema de pesquisa (no carro, no banheiro, na porta da geladeira, no quarto etc). Acorde e durma com ela!;
7. Faça e tente seguir o cronograma, refaça-o quando necessário, em parceria com o/a orientador/a;
8. Participe muito de tudo o que a universidade e o seu curso oferecem. Se possível, faça disciplinas em outros cursos e áreas e em universidades diferentes;
9. Seja colaborativo, sempre pergunte, sempre questione. Dialogue! Crie redes!
10. Entre em contato, sistematicamente, com seu/sua orientador/a. Dê notícias, ainda que não sejam muito boas;
11. Peça ajuda, sempre que necessário, ao orientador/a, aos colegas, a outros docentes. Lembre-se de que você está rodeado/a de pessoas que já viveram ou estão vivendo o mesmo que você;
12. Seja autor, seja autônomo. Pratique a autoconfiança, mas não confunda com prepotência e arrogância;
13. Faça revisão bibliográfica e sempre partilhe com seu/sua orientador/a e colegas.

Outras pesquisas (Alves, Espínola & Bianchetti, 2012; Bruno, 2007), apontam também que muitos ruídos podem ser evitados já no processo de seleção dos orientando/as se todos estiverem atentos à afinidade e experiências com a pesquisa e temática do orientador/a, no caso da pesquisa em Educação, ter experiência docente pode ser um facilitador, e disposição para autodidatismo, ou seja, se o orientando/a for autônomo. A esse respeito, Bruno (2007) já apontava para a importância da relação de autonomia (como o desejado pelos sujeitos) e da heteronomia (o imposto e proposto na sociedade).

Por fim, há que se evitar - ainda que nos dias atuais isso seja uma grande dificuldade:

- excessos de atividades do orientador (número de orientandos, de aulas, de eventos, de atividades administrativas, de pareceres, de acessorias, de reuniões etc);

- depressão e evasão dos orientados: relação malsucedida com o orientador, o despreparo dos doutorandos para receber críticas e a insegurança em relação ao futuro.

E deve-se estimular:

- respeito, diálogo e admiração
- reflexões acerca das gaiolas epistemológicas (D'AMBROSIO, 2016).

SOBRE AS GAIOLAS EPISTEMOLÓGICAS

Faço aqui uma relação entre as ideias do pesquisador Ubiratan D'Ambrósio (2016) sobre as gaiolas epistemológicas, em que o autor compara

(...) especialistas a pássaros vivendo em uma gaiola (...).
(...) tratam de assuntos específicos da disciplina. Não entendem o que fazem seus colegas de outros departamentos, que estão em outras gaiolas (...). Sair da gaiola não é fácil, pois as gaiolas oferecem vários benefícios, como o reconhecimento pelos pares, o que garante emprego e promoções. Mas o preço por estes benefícios é alto: as grades impedem sair e voltar livremente. (D'AMBROSIO, 2016, p. 224)

e os estudos que fiz sobre Deleuze e Guattari (1995) sobre os rizomas (BRUNO, 2010a). Proponho uma relação entre as Gaiolas Arbóreas e as Ambiências rizomáticas.

O rizoma, conceito que vem da botânica e diz respeito aos caules que ligam um ponto a qualquer outro, seria para os filósofos, a expressão das multiplicidades. Trata-se de uma forma de pensamento que não tem estrutura definida, nada é fixo, tudo está em movimento constante, é múltiplo. Já seu oposto, seria um pensamento do tipo arbóreo, cujas raízes se fixam e limitam a mobilidade, restringem a flexibilidade.

A ciência e os cientistas tendem a viver em suas confortáveis gaiolas, cercados do conforto que 'correntes' teórico-metodológicas lhes proporcionam, sem se dar conta que são aprisionados por grades e, amarrados em suas correntes, que o impedem ou cerceiam suas visões e compreensões do mundo. Persistem em habitar as gaiolas epistemológicas (D'Ambrósio, Ubiratan), e garantem assim que as concepções fechadas, arbóreas, se mantêm. Vivem, portanto, em Gaiolas epistemológicas arbóreas, com suas raízes fixas e limitadas. Acreditam, porém, que estão livres, mas o máximo que muitos conseguem é visitar gaiolas próximas e familiares, sempre retornando às suas origens. Raros são aqueles que ousam levantar voos mais distantes, viajar por outras gaiolas ou mesmo abandonar suas moradas, construir outras ou até viver fora delas. Estes últimos seriam aqueles que rompem com a ideia de gaiolas epistemológicas, se libertam e constroem espaços rizomáticos.

Quero dizer aqui que é preciso romper com a proposta de gaiolas arbóreas, criar rizomas, abrir as gaiolas e produzir ambiências Rizomáticas para se fazer pesquisa. Mais do que se abrir para o campo, para os sujeitos e suas vozes plurais, é preciso abrir as gaiolas e, pelo menos, visitar outras fontes, se permitir conhecer outras bases, ouvir outros sons, tons e enxergar outras cores.

Somos igualmente diferentes e semear e colher diferenças implica em pensarmos diferentemente e percebermos a potência desse processo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Vânia Maria, ESPINDOLA, Isabel Cristina Pitz, BIANCHETTI, Lucídio. A relação orientador-orientando na Pós-graduação stricto sensu no Brasil: a autonomia dos discentes em discussão. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 43, n. 29, p. 135-156, maio/ago. 2012, Disponível pelo endereço: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/download/4071/3338>

BRUNO, Adriana R. A Linguagem Emocional em Ambientes Telemáticos: tecendo a razão e a emoção na formação de educadores. **Dissertação** (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. A aprendizagem do educador: estratégias para a construção de uma didática on-line. Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo. 252 p. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

_____. Travessias Invisíveis: plasticidade, diferença e aprendizagem em redes rizomáticas de formação de adultos educadores nos ambientes online. **XV Endipe: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – Convergências tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais**. 20 a 23 de abril de 2010. Simpósio 1: Aprendizagem em rede: processos interativos e sociais na formação docente. Sub-Tema 7: Educação a Distância e Tecnologias da Informação e Comunicação. Livro do Evento, 2010.

_____. Aprendizagem em ambientes virtuais: plasticidade na formação do adulto educador. **Revista Ciências & Cognição**, 2010b; Vol 15 (1): p. 043-054 . Disponível pelo endereço: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/291/160> Acessado em 20 de outubro de 2017.

BYINGTON, C. A. B. **Pedagogia Simbólica**: a construção amorosa do conhecimento do ser. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1996.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 3a ed. São Paulo: Cortez, 1998.

D'AMBROSIO, Ubiratan. A Metáfora das Gaiolas Epistemológicas e uma Proposta Educacional. **Revista Perspectivas da Educação Matemática**. INMA/UFMS – v. 9, n. 20 – Ano 2016. Disponível pelo endereço: <http://seer.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/2872/2234> Acesso em 18 de novembro de 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995. 94 p. (Coleção Trans).

FAZENDA, I. **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 2a ed. São Paulo: Papirus, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. 1a ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LANE, S. T. M. et al. **Arqueologia das Emoções**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1999.

MORAES, M. C. O **Paradigma Educacional Emergente**. 4a ed. Campinas/SP: Ed. Papirus, 1997.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília/DF: UNESCO, 2000.

NOGUEIRA, Bruna Mazzer, LEITE, Sérgio Antônio da Silva. A afetividade no processo de orientação de pesquisa científica. **Revista educação PUC-Camp.**, Campinas, 19(3):249-259, set./dez., 2014. Disponível pelo endereço: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reveducao/article/viewFile/2852/1954>

PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. Vidas de professoras: Sentido do trabalho e formação. Um estudo a partir da atuação docente mediatizada por novas tecnologias. Tese **de Doutorado**. PUCSP. 2005. Disponível pelo endereço: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16585> Acesso em 15 de novembro de 2017.

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: SZYMANSKI, Heloisa (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liberliv

Submetido em: 01/03/2019

Aprovado em: 12/04/2019

